



OS MONGES EVANGELIZAM A EUROPA

(The Monks evangelize Europe)

Irineu Uebara*

Aluno graduando do 3º Ano de Teologia da PUCSP

RESUMO

Contextualizando a queda do Império Romano no Ocidente em 476, e a conseqüente crise sem precedentes sob todos os aspectos, as invasões bárbaras, as distintas civilizações e o confronto entre romanos e bárbaros, dominados e dominadores. Nessa ambientação destaca-se a atuação dos Bispos egressos dos Mosteiros, culminando com o protagonismo dos Monges na Evangelização da Europa Medieval. Exercita-se uma reflexão acerca desse fato histórico e a sua importância na Evangelização nos dias atuais.

Palavras-chave: Império Romano no Ocidente. Monges copistas. Invasão bárbara.

ABSTRACT

Contextualizing the fall of the Roman Empire in the West in 476, and the unprecedented crisis in all respects, the barbarian invasions, the different civilizations and confrontation between Romans and barbarians, dominated and rulers. In this setting, the actions of Bishops graduates of the monasteries, culminating in the role of the monks in the evangelization of Medieval Europe. Exercise a reflection about this historical fact and its importance in Evangelization today.

Keywords: Roman Empire in the West. Monks copyists. Barbarian invasion.

INTRODUÇÃO

O Título do Artigo faz referência ao Período da História da Igreja, quando da queda do Império Romano no Ocidente em 476. Destacamos que a parte oriental do Império



Romano continuou a existir até 1453, quando se deu a queda na cidade de Constantinopla.

Esses apontamentos iniciais por si só revelam certa complexidade. Tanto no que se refere ao espaço geográfico, onde os fatos se deram, quanto nas diversas nomenclaturas para determinados povos, etnias, ou até mesmo denominações religiosas. Por exemplo, Império Romano no Oriente ou Bizantino é sinônimo. Bizâncio que hoje é Istambul, capital da Turquia, era a antiga Constantinopla – cidade de Constantino. E foi essa que caiu nas mãos dos turcos otomanos. Esses eram uma potência muçulmana ou islâmica, para não mencionar maometana, adjetivo por eles rejeitado.

O foco do trabalho será o período imediatamente anterior e após a queda em 476, lembrando que quando o Império ruiu houve uma mistura dos povos por causa da invasão bárbara. Bárbaros eram considerados todos os que não falavam o Latim, idioma do Império, referindo-se, portanto a vários estrangeiros. Bárbaros, por exemplo, eram os povos germânicos, que já representavam uma ameaça ao Império, desde o século II a.C.. Portanto, não foi novidade, nem da noite para o dia que tudo aconteceu. Foi um longo processo, como é normal no desenvolvimento histórico.

Vejamos:

Sobretudo o mundo romano presenciou de uma forma evidente, a partir do ano 276 um grande perigo externo: as primeiras vagas invasoras que devem ser enfrentadas como eventos inseridos em um processo de longa duração. Entretanto destaca-se que muitas dessas invasões tiveram um caráter violento e destrutivo, no entanto, diversas delas se mostraram como eventos pacíficos e sem agressividade.¹

1. CONTEXTO EUROPEU E O FIM DO IMPÉRIO ROMANO NO OCIDENTE

O contexto histórico diante da queda do Império e das invasões bárbaras era de grande crise em todos os aspectos: econômicos, políticos, sociais, culturais e também religiosos. Nem poderia ser diferente diante desse ajuntamento de civilizações tão distintas, permeado pela condição inevitável e própria da relação de forças entre dominante e dominado, entre bárbaros e romanos.



O Império Romano construiu uma grande fronteira fortificada na região dos rios Reno e Danúbio, visando a impedir o avanço sobre seu território das populações germânicas. Nem isso foi capaz de evitar o contato desses povos com a sociedade romana, por causa da atração exercida pelas riquezas e pelo solo fértil. Com a queda do Império, diversos povos bárbaros ocuparam a Europa, o que agravou ainda mais a dramática situação.

Formou-se assim nova configuração – um novo rosto. Não se tinha mais o império único, grandioso e potente como era o Romano. Agora eram vários reinos românico-bárbaros, o que algumas vezes provoca certa confusão a quem pretende estudar essa fase da História. Assim é que há anglos e saxões, onde antes era província romana da Bretanha; há francos nas antigas províncias da Gália; há frísios e alemães a leste do rio Reno; há visigodos na península ibérica; há ostrogodos e depois os longobardos na Itália, há vândalos no norte da África, dentre outros mais.

2. O CÁOS NO IMPÉRIO - EQUILÍBRIO MONACAL

A Igreja que sempre se pretendeu perita em humanidade não se omitia diante das situações as mais estranhas e inquietantes. E assim, esse novo mapa geográfico representava um desafio enorme à Igreja cristã que exigia um posicionamento. Ressalte-se que na época o Império Romano significava o mundo, tal a força e representatividade. Identificado com o mundo romano estava o cristianismo. Assim: fim do Império Romano, fim do mundo, fim do cristianismo, fim de tudo.

Havia bárbaros, que prestavam culto a elementos da natureza – sol, oceano, fogo, florestas, cachoeiras – ou ainda aos deuses dos seus ancestrais. Havia bárbaros que tinham sido convertidos ao cristianismo, em sua versão ariana, especialmente os godos, por causa da obra de um bispo que traduzira a Bíblia para o gótico. Isso representava desafio em dose dupla à Igreja que assumiu a defesa e organização social desses novos povos.

Como cristãos arianos, os bárbaros consideravam-se de uma espécie diferente da das populações que acabam de dominar: o catolicismo para eles era a religião dos vencidos, do ocupado. Na prática, a sua atitude podia variar: bonacheirona entre os borgúndios, detalhista e policial entre os visigodos e terrivelmente perseguidora entre os vândalos; mas a oposição fundamental era semelhante em toda a parte.²



O cenário era trágico e desolador. Templos, mosteiros e cidades eram destruídos sem dó nem piedade pela fúria e impetuosidade dos bárbaros que só enxergavam a conquista e supremacia pela força. O poder político do Império se esvaiu.

3. BIOGRAFIA DE SÃO BENTO

Em relação à biografia de São Bento, praticamente, só existe uma fonte que, a rigor, e não por outro motivo, não tem o valor estritamente histórico conforme a concepção moderna. Esse testemunho escrito, que se toma por biográfico, é de autoria do papa Gregório Magno. Teve por objetivo apenas divulgar os milagres dos santos italianos e escrito depois de 50 anos da morte de Bento.

Bento nasceu por volta do ano 480 a 490 em Núrsia, Itália. Seus pais eram ricos, cristãos, e deram-lhe o nome de Bento que significa *o abençoado*, como que a lhe atribuir uma vida plena de bênçãos de Deus. A propósito, não foi por acaso que Joseph Ratzinger ao ser eleito papa, radiante, apareceu na tradicional janela do Vaticano para a cidade e o mundo, e a notícia de que o nome escolhido era Benedictus XVI se espalhou aos quatro cantos do universo pelas telas da TV ante a ansiedade reinante que aguardava o *Habemus Papam*. Teólogo e profundo conhecedor da História da Igreja, homenageou o fundador da Ordem dos beneditinos cujo fundador viria a se tornar o pai dos monges e, depois com Paulo VI, o patrono da Europa.

Bento de Núrsia estudava Direito em Roma. Não querendo viver como alguns colegas - vida dissoluta tomou uma decisão radical. Preferiu a solidão à vida acadêmica e a contemplação à agitação do mundo. Abrigo-se numa gruta nos arredores de Roma, num lugar denominado Subiaco. Ali permaneceu durante três anos, e sua fama de santidade se espalhou, fazendo com que muitos se fizessem seus discípulos pelo especial carisma. Contam-se doze mosteiros que se colocavam sob a direção espiritual de Bento. E aqui, me permito um comentário singelo, assaz curioso: três anos na gruta e doze mosteiros sob sua direção lembram os três anos de ministério de Jesus e o grupo dos doze apóstolos.

Conta Gregório, que Bento teve uma experiência negativa no mosteiro de Vicovaro, onde foi vítima até de tentativa de envenenamento, tendo dela escapado por intervenção divina. Houve outras atitudes hostis decorrentes de inveja por causa da sua fama e prestígio, fazendo com que Bento e alguns seguidores se dirigissem a Monte Cassino, por volta do ano 529, onde se estabeleceu e fundou uma comunidade em definitivo. Dista Monte Cassino 140 quilômetros de Roma. Situa-se na Via Latina.

Um antigo lugar de culto a Apolo cedeu lugar ao mosteiro construído por Bento e seus irmãos de fé, consistindo então um ato missionário. Substituiu o templo dedicado ao



Deus Apolo (ou Júpiter) por uma Igreja dedicada a São Martinho e o altar da capela situada no monte, na parte mais alta, dedicada a São João. A irmã gêmea de Bento chamada Escolástica era abadessa em um mosteiro feminino que ficava nas proximidades de Monte Cassino. Tinha afeição muito grande à irmã com quem frequentemente se correspondia.

4. REGRA BENEDITINA

Dedica-se Bento, em Monte Cassino, à elaboração da regra monástica que se tornaria famosa e que alcançaria autoridade no mundo cristão. Ele escreveu a regra baseando-se na vivência pessoal, no conhecimento de regras existentes, não sendo o único formulador, portanto, além de considerar os escritos dos Padres do Deserto. Recorde-se, a propósito, que estes foram os pioneiros no Oriente da vida monástica.

Bento, portanto, recebe a herança de outros, mas consegue formular, unificar e transmitir com grande discernimento toda a riqueza aos monges pelo que é conhecido como Regra Beneditina. Realmente são de riqueza atualíssima os 73 capítulos dirigidos aos monges, prescrevendo com muita clareza a maneira melhor para rezar, conformar-se ao Evangelho, e viver em comum. Essas prescrições estabelecendo programa diário de sete momentos de oração comum, um ofício de salmos e leituras que corresponde à Liturgia das Horas vigora para a Igreja até os dias de hoje, tal a profundidade e a elevação atingidas na prática constante.

O espírito da Regra Beneditina se funda em dois pontos: A paz, lema da ordem, e o tradicional *ora et labora* (reza e trabalha), resumo da vida que cada monge deve levar.

A Regra define como deve se reger a vida monástica. Estabelece a obediência, exige-se silêncio e humildade. A figura do abade é central. Tudo gira em torno dele. Dispõem-se todas as práticas: da alimentação, do trabalho, do descanso, do canto, da oração, e do sono. É completo, como se pode concluir.

Os Padres da Igreja, mormente Basílio e Agostinho, pelos seus escritos, influenciaram o pensamento de Bento. Por sua vez, a influência da Regra Beneditina sobre toda a espiritualidade ocidental foi grandiosa. O papa Gregório a institucionalizou a partir de sua obra. Carlos Magno a impôs a todos os mosteiros.

A regra de Bento, inclusive, define como deve ocorrer à eleição do abade, que é o superior do mosteiro a quem se deve total obediência. A Regra enfatiza três preceitos, quais sejam: a ponderação em tudo, evitando-se a ascese excessiva; a estabilidade para evitar o ócio que era frequente nos monges de sua época, e o trabalho manual que deve



ser exercido como uma forma prática de louvar a Deus. Sua regra é benevolente e revela compreensão na justa medida: *Tudo se fará com moderação, por causa dos frágeis.*

Bento falece por volta do ano 547 no Monte Cassino. Sua Regra haveria de se impor em todos os mosteiros do Ocidente, mesmo que lentamente.

5. ATUAÇÃO DOS BISPOS EGRESSOS DOS MOSTEIROS

O governo dos povos coube aos bispos pela cultura e qualificação pessoal deles. A liderança dos bispos nesse contexto se deu naturalmente e, aos poucos, o Papa – bispo de Roma - exercia o poder que antes era do imperador. Apresentavam-se os bispos como os verdadeiros príncipes, refazendo a organização do Império Romano. A Igreja encarnava a nova força que surgia em meio à decadência e à destruição. Primeiramente, a Igreja se apresentava como força moral. Posteriormente, como força política.

A Igreja, além de se firmar como poder religioso e político, acima de tudo, era entendida como uma força intelectual, pois dentro de seus mosteiros existiam bibliotecas memoráveis, além do que se deve ao papel dos monges copistas a preservação de inúmeras obras do período medieval. Outro fator de determinante importância para o enraizamento da Igreja no período medieval, com certeza foi o desempenhado pelos monges que eram membros do clero e procuravam viver uma vida de cristianismo mais puro do que a dos bispos que tinham um contato muito grande com a população em geral.³

Na época se faziam ouvir vozes importantes da Igreja como São Jerônimo com seus comentários e Santo Agostinho com a Cidade de Deus que foi uma contribuição intelectual significativa para a manutenção e vivência da fé naquele novo mundo, surgido após a queda do Império. Contribuição determinante foi a de São Leão Magno, papa que tinha bem claro que a Roma Cristã persistiria ante o desaparecimento da Roma pagã e, mais ainda, influenciaria e presidiria o mundo todo com a sua religião.

É incontestável que numerosos bispos das *civitates* exerceram diante dos bárbaros um papel de defensores, mediadores e mantenedores de uma civilização. Agostinho, em Hipona, assediada pelos vândalos, Miásio em



Reims, Aignan em Orleães, Paulino em Nola, Sinésio de Cirene, Eucher de Lião, Máximo de Turim, e o bispo de Roma Leão I, entre outros, foram escudos para suas cidades.⁴

Aos poucos, então, os povos bárbaros eram considerados não mais uma ameaça, mas povos irmãos de fé e da fé em Cristo. Representavam, portanto, um amplo universo a ser evangelizado, sem menosprezar, evidentemente, as imensas dificuldades que precisariam ser enfrentadas.

Como já mencionado, o arianismo, que era forte, teve que ser combatido com tenacidade pelos bispos e doutrinadores católicos. Foi assim que no século VI a fé católica, universal, prevaleceu. Houve o concílio de Toledo em 589 que teve como marco o fim do arianismo na Espanha e no ocidente inteiro. Heresia expurgada a duras penas, que tivera início em 325.

Interessante observar que quando se fala de evangelizar os pagãos não deve ser entendido como só os bárbaros, mas também os próprios romanos. A Igreja, praticamente, estava estabelecida nas cidades do Império Romano. Precisava se estender à zona rural, aos pequenos vilarejos e povoados distantes do interior.

Foi em decorrência dessa necessidade que teve início a distribuição de porções da diocese em paróquias. O outro movimento da evangelização foi centrado nos povos que se estabeleceram em toda a Europa. Se fôssemos atualizar a nomenclatura seria onde se encontram hoje a Alemanha, França, Inglaterra e Holanda.

Esse trabalho de evangelização era facilitado quando da conversão dos reis. Convertido o monarca, convertiam-se muitos súditos, quase todos. Uma conversão famosa foi a do rei merovíngio Clodoveu, que recebeu o batismo do bispo de Reims, São Remígio. E Clodoveu, com seu gesto, atingiu o povo franco e outros povos que também faziam parte das suas conquistas. Gesto marcante, presente em todos os relatos históricos pesquisados, o que propiciou o título de filha primogênita da Igreja à França. A conversão do rei Clodoveu se deveu à promessa feita em momento de desvantagem numa guerra contra os alamanos. Se o Deus cristão invocado lhe desse a vitória, ao Cristianismo ele se converteria. Promessa feita, objetivo alcançado, promessa cumprida. Não cabe aqui qualquer consideração crítica a respeito, eis que apenas importa o registro histórico. Clodoveu foi o primeiro rei bárbaro a se converter ao Cristianismo.

A evangelização dos povos bárbaros, por esses não provirem de uma cultura em que houvesse organização, legislação e língua comum, exigiu uma preparação mais radical: necessidade de alfabetização para que se pudesse ensinar a doutrina cristã. Portanto, bem diferente do mundo greco-romano que trazia consigo uma cultura que facilitava o diálogo e a confrontação das ideias.



Os bispos, inicialmente, empreenderam a obra de evangelização e depois os párocos que trabalhavam formando e organizando comunidades em seus territórios. Enfim, a Igreja e os seus componentes participaram da evangelização do novo mundo, hoje, ironicamente chamado de velho continente. E não é de estranhar as previsões catastróficas que hoje rondam a Europa, nem mesmo agora os países reunidos no bloco da União Europeia.

A falência econômica a ronda constantemente e na visão de muitos teólogos, a decadência espiritual religiosa já se instalou. Templos e paróquias sucateados pela ausência de fieis. A secularização, o materialismo, o indiferentismo religioso são protagonistas na Europa dos tempos atuais.

6. OS MONGES EVANGELIZAM A EUROPA

Destacável o protagonismo dos monges que atuaram em quase todas as regiões da Europa, criando condições para a conversão e civilização desses povos bárbaros. São Bento na região de Nápoles. São Bonifácio na Germânia (Alemanha) e Frísia (Holanda). São Patrício na Irlanda. São Columbano no norte da Gália, Suécia, Alsácia e Norte da Itália.

O monacato ou monasticismo ou monaquismo teve início no século IV e logo se propagou por toda a Europa. Ao se falar da importância dos monges e a sua atuação é comum ressaltar a figura de São Patrício que se empenhou profundamente à vida religiosa da Irlanda! Para ele a Igreja não tinha a catedral como centro, mas o mosteiro. Lá da Irlanda foi à Escócia e também para a Inglaterra. A Europa abrigou em seu extenso território muitos mosteiros que tiveram importância vital na formação dos povos em todos os aspectos: fé, arte, ciência e cultura.

Só por desígnio divino houve a preservação de parte do acervo cultural, literário e filosófico das civilizações gregas e romanas que era manuscrito, mesmo enfrentando a virulência extrema daqueles povos bárbaros. O que possibilitou a preservação foi a guarda nas bibliotecas dos mosteiros, onde monges copistas se dedicavam às obras de autores como Aristóteles, Heródoto, Cícero, Virgílio, além de manuscritos do Novo Testamento, num trabalho de muita paciência e organização.

Importantes mosteiros beneditinos e irlandeses serviam de refúgio de escritos e documentos de grande valor. Uma parte do mosteiro era reservada aos monges copistas para o trabalho de compilação e tradução da Bíblia, dos escritos dos Padres da Igreja e dos sábios da Antiguidade, fossem eles gregos ou latinos.



CONCLUSÃO: OS MONGES E A EVANGELIZAÇÃO NOS DIAS ATUAIS

Por fim, façamos uma reflexão: Os monges no mundo de hoje.

A regra monástica de São Bento que ficou muito conhecida: *ore e trabalhe* é imperativa e determinante. O ócio é inimigo da alma. Assim, os irmãos devem estar ocupados, em tempos determinados, com o trabalho manual e em horas determinadas também à leitura divina. Essa regra pode ser aplicada também à vida de cada batizado, mesmo que não faça parte de nenhuma ordem religiosa. Pode produzir bons frutos evitar o ócio, não se deixar levar pela preguiça e indolência e dedicar-se ao trabalho com toda a atenção, bem como alimentar-se da Palavra de Deus. Orar constantemente faz com que elevemos nosso espírito, e nosso entendimento para dialogar com Deus e, se observarmos os três passos recomendáveis: reconciliar-se com o próximo, reconciliar-se com Deus, e reconciliar-se consigo mesmo, a comunhão se fará plena.

Essa regra monástica, ainda, nos faz recordar a orientação de São Francisco de Assis a todos que o seguiam de que cada um carrega consigo uma gruta, onde quer que esteja e disponível quando quiser. Referia-se ao corpo como a gruta, e a alma como o ermitão que nele habita para contemplar e dialogar com Deus. Convenhamos, é algo que pode ser assumido por todos os batizados. Nem falemos de leigos em face da carga pejorativa que carrega o vocábulo, mesmo por que, somos fieis, agentes ativos da Igreja que devem caminhar incessantemente em busca da santidade, apesar de todas as imperfeições humanas.

A outra prática nos mosteiros em que tudo era partilhado nos recorda o que foi registrado na Didaqué pelas primeiras comunidades cristãs. Partilhava-se tudo: a oração, o pão, o trabalho, e o fruto que dele resultava. Tudo estava a serviço de Deus, inclusive o trabalho nas Bibliotecas, nas oficinas, nos campos lavrando a terra, e o plantio para a subsistência. Não será um modelo de vida para os tempos atuais? Basta um pouco de imaginação para transportar e adotar práticas análogas, fazendo com que o testemunho de nossas vidas possa inspirar os que não professam fé alguma ou se declaram ateus ou agnósticos que tendem a ser maioria, se nenhum esforço de evangelização for feito para evangelizar os povos.

Os monges também não descuidavam da obra social. Cuidavam dos pobres provendo-lhes sustento; dos viajantes e peregrinos, dando-lhes abrigo, ou seja, não eram fechados em si, nem fechavam os mosteiros à comunidade. Eram atuantes e *anteados* com tudo que afligia o povo e nunca deixavam de atender a quem lhes solicitasse ajuda. Davam acolhida integral, não arrumavam desculpas para deixar de atender. Não é também um testemunho de vida para que adotemos também em nossa vida, fazendo a diferença



nesse mundo que tanto necessita de quem acolha com amor todos os que são necessitados de algum suprimento? Alimento, teto, consolo espiritual, palavras de fé e esperança não são benfeitorias que podem ser feitas se houver um desejo deliberado da nossa parte? Ou será que não temos mais mendigos, nem peregrinos em nossa sociedade atual por causa dos avanços da ciência e tecnologia que conseguiram deletar, para usar o verbo hoje tão comum, qualquer necessidade básica do ser humano? Não é uma grande ironia e imenso paradoxo quando se faz a análise e se conclui que o homem parece tudo poder, mas não consegue o básico, o essencial à sobrevivência humana: trabalho digno a fim de prover o seu alimento, a sua educação, a sua roupa, o seu teto, o seu bem estar, o seu lazer, para não falar da independência, e da sua liberdade para bem dirigir a sua própria vida, inclusive espiritual? Em nós falta o espírito monástico, falta-nos o monge. Sobra-nos o espírito de consumo e materialismo, o de competição extremada, o da burguesia dos tempos modernos: busca do conforto e do prazer desmedidos. Sociedade insaciável em que Deus é ilustre desconhecido e o mundo, uma aldeia global onde o pajé é o poder econômico!

Nas amplas Bibliotecas dos mosteiros, e no espaço próprio – *scriptorium* preservavam e transmitiam as obras clássicas da Antiguidade grega e latina, faziam traduções, transcreviam livros e documentos históricos, cultivavam a produção literária de valor. E a nossa sociedade, tem espaço para preservar o que entende de elevado valor para as gerações futuras? Ou não se tem mais consciência do que vale a pena ou não ser preservado, por não se ter obra alguma de valor perene, e que possa servir de reflexão, aprendizado, apreciação estética ou deleite? Não será também um exercício de santificação cuidar dessa dimensão cultural para a posteridade?

Existem semelhanças entre o quadro histórico que estudamos e a situação atual. Se observarmos com atenção, perceberemos que há uma invasão de bárbaros dos tempos atuais na Europa – muçulmanos (principalmente) - alguns buscando melhores condições, ou fugindo de situações de instabilidade política de toda ordem. E são povos não cristãos que estão a exigir um testemunho dos cristãos que restam para que o Evangelho de Cristo possa oferecer a segurança ou a esperança de uma fé viva que os levem ao Reino dos Céus, onde a Justiça seja soberana e plena. É desafiador o cenário a quem pretende pregar o Evangelho a todos os povos e nações, e batizar em nome da Trindade, como é o apelo evangélico. Não há outra forma de entender. Necessário se faz um diálogo interreligioso que possa unir as diferentes profissões de fé em busca do que é comum: a santificação e a dignidade das pessoas, provendo-lhes o necessário e o essencial. Isso independe do credo professado. É questão humanista que requer vontade de resolver, que requer apenas senso de justiça, de compaixão e de misericórdia que deve ser comum a todas as religiões e até ao ateísmo.

E a situação do Brasil não é diferente. A situação de São Paulo não é diferente. Não é desconhecida de todos nós, a presença de bolivianos nas regiões do Pari, Brás, Belenzinho. O que está sendo feito para acolher esses “bárbaros” que aqui se instalam a todo o momento, buscando o que dificilmente encontrarão: trabalho digno, casa, comida, educação e lazer? Encontram subemprego, provavelmente, em empresas de



proprietários que se dizem católicos ou evangélicos, e que lucram com a condição de mão de obra barata que muito lhes favorece. Há quem afirme serem escravistas do capitalismo selvagem que domina a nossa economia de produção, que nos afasta cada vez mais da economia da salvação, com o perdão do trocadilho.

E a fundação de mosteiros que existia naqueles tempos, também não é algo que serve à reflexão sobre a nossa atuação como cristãos dos tempos atuais? Quantas comunidades podem ser fundadas que podem servir de centros de Evangelização constante? Quantas pessoas com as quais temos contato que precisam de uma *reconstrução de si*, pois se encontram destruídas e mergulhadas numa depressão e em uma vida repleta de vícios que as escravizam e nós apenas as observamos à distância sem querer nos envolver por causa de todas as dificuldades para a obra de restauração?

Fazemos, muitas vezes, moucos os ouvidos ao que Jesus pregou de que Ele está presente naquele mais necessitado: no faminto, no sedento, no preso, no doente. Cruzamos os braços, fechamos as mãos, cobrimos os olhos, tapamos os ouvidos e as narinas, anestesiemos a consciência e depois, na celebração da santa missa, ficamos de pé para receber a eucaristia, colocando-nos depois sentados ou de joelhos sentindo aquele pão que deveria nos dar vida, se consumir e diluir em nosso interior, trazendo-nos a paz. Que paz! Quanta insensatez! Quanta omissão! Quanto silêncio perturbador!

E o Magistério da Igreja, o Colégio de Cardeais com o Bispo de Roma, será que invocam o Espírito Santo para que ofereça a devida instrução para saber acolher todos esses estrangeiros não cristãos que entram em nossa sociedade todos os dias, participando de nossa vida, sendo nossos vizinhos e frequentando os mesmos locais que nos são familiares? Será que a vida contemplativa que foi a mola propulsora de toda a evangelização da Europa pós-queda do Império Romano, existe com tanta força e intensidade no seio das nossas igrejas, ou ela está encerrada somente nos claustros e mosteiros das ordens religiosas que persistem heroicamente como se estivessem na contramão da História?

Bastam palavras de incentivo à formação de novas comunidades e o exercício da vida contemplativa ou requer-se uma política mais clara e proativa para fazer realidade o que se diz desejar? Basta a exortação para que se formem mais missionários ou, da mesma forma, exigem-se condições práticas e eficazes para a consecução?

A situação no que se refere à evangelização nos dias atuais, mormente na Europa, que fora palco de todos os acontecimentos, apresenta semelhança. Há novas religiões e seitas e pensamentos estranhos ao cristianismo – filosofias orientais, a nova era em suas múltiplas versões, o islamismo notoriamente crescente, o reencarnacionismo, o racionalismo com diversos matizes, o materialismo, o agnosticismo, o ateísmo, o forte indiferentismo religioso. Há uma infinidade de profissões de fé que invadiram o ambiente católico como as crenças e práticas bárbaras daqueles tempos estudados. E



igualmente nos coloca na posição de *dominados* e procuram impor-se, utilizando-se de todos os meios de comunicação.

O Sínodo dos Bispos que está acontecendo agora no ano da fé, terá a força, e determinação para definir e praticar uma nova evangelização nos moldes daquela empreendida corajosamente pelos monges que saíram dos mosteiros para assumirem a pregação do Evangelho? Nem os análogos aos arianos faltam nos dias atuais – tanta a profusão de denominações protestantes pentecostais e, principalmente, os neopentecostais que dominam a mídia televisiva e as rádios.

Há desvios que exigem o esclarecimento católico ou que demandam uma blindagem ao rebanho do povo católico para não desejar as verdes pastagens que se encontram do outro lado do rio. Sem falar na programação pífia, acanhada e insossa dos canais e difusoras de rádio católicas que parecem se inspirar na época medieval, tal a postura não católica, para não dizer facciosa, cada qual tentando divulgar a sua particular espiritualidade. Vitrine de vaidades e competições ególatras. Em nome de Cristo! Que Cristo?!

Por fim, é preciso que afastemos de cada um de nós, o comodismo, a indolência, a inércia - a exemplo da prática monástica - o conformar-se com o que é imposto, o não fazer nada e esperar ou deixar tudo nas mãos de outros. Também temos que cuidar para que não caiamos no ativismo que acaba no vazio desconectado da obra de construção do Reino, sem a ligação essencial com a Palavra, sem o sentido cristão. Outro perigo que muitas vezes se percebe em alguns movimentos dentro da própria Igreja é o da pregação da doutrina sem o testemunho vital daquela fé vivida e transmitida pelos gestos e atitudes do dia a dia. Construídas, somente, de retórica e gestos de comunicação ditados pela neurolinguística.

Não se diga que agora tudo é difícil e impraticável. Se a Igreja não se mobilizasse naqueles idos tempos em que o Império Romano ruiu e deixasse ao abandono a fé dos cristãos, tudo poderia ter ali encerrado. Houve reação e organização. A Regra de São Bento pode ser ainda nos dias hoje luz para a nossa caminhada. É ensinamento de um mestre que nos ensina a arte de viver o verdadeiro humanismo. Os tempos lá foram tão difíceis e *impraticáveis* como agora aparentam ser. E não existiam os recursos todos que hoje temos que não enfrentam barreiras nem distâncias geográficas. Só o momento é diferente. O problema é o mesmo e exige de nós a postura dos monges evangelizadores de novos tempos!

Ficar recitando aquela famosa oração exorcista de São Bento, em português ou em latim, segurando a medalha que a traz cunhada, sem praticar os gestos concretos do santo monge, seguramente é alimentar superstição falseada de oração e devoção. Seja anátema.



A PUC SP na sua longa tradição Universitária tem a alegria de manifestar seu apreço aos alunos interessados na qualificação humano-acadêmica e na continuidade do aprendizado na árdua tarefa de pesquisar e produzir Artigos de competência. Tenho o prazer de apresentar o Artigo do aluno Irineu Uebara que atualmente está cursando o 3º Ano de Teologia no Campus Santana. O Aluno é candidato ao Diaconato Permanente na Arquidiocese de São Paulo e muito atento a Igreja que resgatou sua História bimilenar nos apresentando a fantástica obra de São Bento de Núrsia. Ele fez um paralelo com o Período Contemporâneo da História no diálogo com o mundo e apresentou maneiras eficazes de a Igreja promover sempre a Evangelização, sobretudo neste Ano da Fé.

Prof. Dr. José Ulisses Leva.

Professor de História Eclesiástica na PUC SP.

BIBLIOGRAFIA

BARRETO, Alfredo R. B. São Bento de Núrsia: Primícia do Monaquismo Ocidental. Disponível em: <www.diocesecampomourao.com.br/colunista/coluna/4/5>. Acesso em 31-10-2012.

BENTO XVI. São Bento de Núrsia. Disponível em: <www.veritatis.com.br/patristica/86_biografias/412_sao_bento_de_nursiahttp://www.estudosmonasticos.com.br/testemu_nho-dos-papas/papa-bento-xvi/29-bento-de-nursia.html>. Acesso em: 09-04-2008.

CANTALAMESSA, Pe. Raniero. Não há mais grego ou judeu, bárbaro nem cita. A segunda grande onda evangelizadora após as invasões bárbaras. Disponível em: <www.zenit.org/pt/articles/nao-ha-mais-grego-ou-judeu-barbaro-nem-cita>. Acesso em: 13-12-2011.

DANIEL – ROPS (Henri Petion). A igreja dos Tempos Bárbaros. São Paulo: Quadrante, 1991.

HAYASHI, Marisa R. M.. Idade Média: História e Direito. Disponível em: <www.migalhas.com.br/dePeso/16,MI165433,101048-Idade+Media+Historia+e+Direito>. Acesso em: 09-10-2012.



MANTEGNA, Andrea. Dezessete séculos de vida monástica (4): Bento de Núrsia. Disponível em: < www.snpcultura.org/pedras_angulares_vida_monastica_4.html, Tr.rm>. Acesso em: 10-07-2012.

MINCEWICZ, Rafael. A conversão dos reis germânicos e a aliança da Igreja ao Império na Alta Idade Média. Disponível em : <www.utp.br/historiarevista_historia/numero_2/pdf/9_rafael_minccwicz.pdf, 2008>.

PIERRARD, Pierre. História da Igreja. 7. ed. São Paulo: Paulus, 2010.

RAMOS, Felipe. Monges copistas: A Civilização Ocidental passou por suas mãos... Disponível em: < <http://academico.arautos.org/2011/08/monges-copistas-a-civilizacao-ocidental-passou-por-suas-maos/>>. Acesso em: 25-08-2011.

VARGUES, Guilherme. Bárbaros e Romanos: elementos da formação de um cenário dualista. Disponível em: < <http://br.monografias.com/trabalhos/baro/baro.shtml>>. Acesso em 30-10-2012.

NOTAS

* Aluno graduando do 3º Ano de Teologia da PUC SP. Artigo escrito sob a supervisão do Prof. Dr. Pe. Jose Ulisses Leva.

¹ MINCEWICZ, Rafael. A conversão dos reis germânicos e a aliança da Igreja ao Império na Alta Idade Média, p. 5.

² DANIEL – ROPS (Henri Petion). A Igreja dos Tempos Bárbaros, p. 192 .

³ MINCEWICZ, Rafael. A conversão dos reis germânicos e a aliança da Igreja ao Império na Alta Idade Média, p. 5.

⁴ PIERRARD, Pierre. História da Igreja, p. 52.